

# INTERPRETAÇÃO AMBIENTAL DO JARDIM BOTÂNICO DE PORTO ALEGRE

## ENVIRONMENTAL INTERPRETATION OF THE BOTANICAL GARDEN OF PORTO ALEGRE

Cíntia Elisa Dhein \*

Jefferson Henrique \*\*

Igor Niederauer \*\*\*

\* Mestre em Turismo (UCS), Bacharel em Turismo (FEEVALE), Licenciada em Ciências Sociais (ULBRA). Professora do Curso de Turismo da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

\*\* Graduando do Curso de Turismo da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

\*\*\* Graduando do Curso de Turismo da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

### *Resumo*

O presente artigo resulta de uma pesquisa de cunho qualitativo que objetiva analisar a interpretação ambiental proposta pelo Jardim Botânico de Porto Alegre. Os jardins botânicos, em geral, são espaços vivos de cultura e lazer, abertos ao público, e se diferenciam dos parques por abrigarem uma coleção de espécies botânicas ordenada e devidamente classificada e registrada, o que aumenta seu potencial educativo. Este espaço também é considerado local ideal para práticas recreativas educativas e interpretativas, proporcionando diversos benefícios para a sociedade, entre eles o conhecimento sobre botânica a partir da interpretação ambiental. Posto isto, o artigo apresenta um estudo de caso, tendo por objeto a eficiência da interpretação ambiental do Jardim Botânico de Porto Alegre avaliando a que ele se propõe e se (e de que forma) instiga o visitante a compreendê-lo como uma unidade de conservação. A partir da observação *in loco* e da revisão de literatura, verificou-se que o atual sistema de Interpretação Ambiental adotado pelo Jardim Botânico, com ações datadas de 2001 e 2008, necessita de reestruturação e apresentação de novas propostas e equipamentos.

*Palavras-chave*: Jardim Botânico. Interpretação ambiental. Meios interpretativos.

### *Abstract*

This article results from a qualitative study that aims to analyze the environmental interpretation proposed by the Botanical Garden of Porto Alegre. In general, botanical gardens are living spaces for culture and leisure, open to the public, and differ from parks for harboring a collection of plant species, ordered and properly classified and recorded, what increases their educational potential. These spaces are also considered ideal for educational and interpretative recreational practices, providing many benefits to society, including knowledge about botany from the environmental interpretation. Therefore, this study presents a case study, relating to the effectiveness of the environmental interpretation of the Botanical Garden of Porto Alegre, evaluating its proposes and if (and how) it encourages the visitor to understand it as a conservation unit. From the on-site observation and literary review, it was found that the current system of environmental interpretation adopted by the Botanical Garden, with actions dating from 2001 to 2008, requires restructuring and new proposals and equipment.

*Keywords:* Botanical Garden. Environmental interpretation. Interpretative media.

### **1 Introdução**

O Laboratório de Hospitalidade, vinculado ao curso de gestão em Turismo da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) – que tem como objetivo estabelecer um elo entre o aluno, a instituição de ensino e o mercado de trabalho – teve a oportunidade, no ano de 2014, a partir de uma necessidade percebida pela equipe do Jardim Botânico de Porto Alegre, de desenvolver uma proposta de Interpretação Ambiental para essa importante Unidade de Conservação do Estado do Rio Grande do Sul. A Interpretação Ambiental, em um âmbito educativo, provoca nos visitantes de unidades de conservação a busca e o interesse espontâneo pelo conhecimento em botânica.

Assim o Jardim Botânico de Porto Alegre pode ser tomando como exemplo de espaço interpretativo. Firmada a parceria entre as duas instituições inicia-se o trabalho de pesquisa bibliográfica a fim de compreender o que se entende por

Interpretação Ambiental e se realizam as visitas *in loco* para perceber como ocorre a interpretação ambiental nesse espaço.

Para dar início ao trabalho, realizou-se uma visita ao local na qual se verificou que o atual sistema de Interpretação Ambiental adotado pelo Jardim Botânico, com ações datadas de 2001 e 2008, apresenta informações de difícil compreensão para leigos na área da botânica, necessitando de remodelação e de novas propostas.

Assim, o presente artigo visa a analisar o material interpretativo existente e, posteriormente, sugerir novos meios que facilitem a compreensão dos espaços (coleções e infraestrutura) do Jardim Botânico por meio da Interpretação Ambiental. O presente artigo – que apresenta a primeira parte do projeto, ou seja, a revisão bibliográfica, e com base nessa, a análise do equipamento interpretativo existente – organiza-se nos seguintes tópicos: Interpretação Ambiental, abordando conceitos referentes a espaços de conservação, seguido pela descrição do Jardim Botânico de Porto Alegre, seu histórico e informações sobre sua área de atuação e localização. Apresenta-se a metodologia, e, por fim, análise e discussão dos resultados e considerações finais.

## 2 Interpretação ambiental

A Interpretação Ambiental tem como objetivo revelar os significados, relações ou fenômenos naturais por intermédio de experiências práticas e meios interpretativos, em vez da simples comunicação de dados e fatos (TILDEN, 1957).

Segundo Honig (2005, p. 1), a interpretação é:

[...] uma via de acesso para a comunicação. Enquanto a informação se concentra mais nos fatos, a interpretação se empenha em dar um significado para as coisas. Desta forma, o visitante passa a vê-las com outros olhos e a compreendê-las sob um novo prisma.

A interpretação busca a valorização do meio socioambiental e da experiência do visitante e dos usuários das áreas ambientais, pois possibilita uma melhor compreensão do lugar, acrescentando valor à vivência.

Ham (1992) explica que a interpretação ambiental inclui a decodificação da linguagem técnica de uma ciência natural em ideias que as pessoas em geral,

leigas no assunto, possam facilmente entender. Isso implica fazê-la de forma que possa ser entendida e interessante aos ouvintes.

Segundo Honig (2005) para que a interpretação ambiental seja bem sucedida, ela deve ser informal e se concentrar na experiência do visitante. Logo, Honig (2005, p. 1) afirma que a interpretação é “[...] um elo entre o seu jardim e aqueles que o visitam. Quando usamos a interpretação, podemos estimular as pessoas a explorar a natureza, a aprender coisas sobre as plantas e ficarem motivadas, e a se preocuparem com o meio ambiente”.

Honig (2005) acredita que a interpretação difere da educação pelo público a que se destina. Esse público classifica-se em cativo e não cativo. Os alunos numa sala de aula são um público cativo, por serem obrigados a prestar atenção ao que o professor diz se quiserem passar nos exames. Quem visita um jardim botânico quer relaxar e se divertir; esses visitantes não precisam prestar atenção se não quiserem e, portanto, eles são um público não cativo.

Honig (2005, p. 1) enfatiza que “a interpretação deverá, portanto, despertar o interesse do visitante, captando sua imaginação a ponto de motivá-lo a aprender ainda mais.”

Logo, o autor (2005) ressalta que interpretar não é informar, é inspirar. Uma interpretação eficiente usa essas informações para envolver, instigar e motivar o visitante a participar ativamente de seu próprio aprendizado.

Segundo Honig (2005) a interpretação bem elaborada motiva a discussão e favorece o surgimento de novas ideias, além de inspirar nos visitantes o desejo de fazer novas descobertas. O autor (2005, p. 2) ainda entende que a interpretação ambiental do jardim botânico deve ser acessível a todos os públicos:

A interpretação ajuda a fazer com que um jardim botânico se torne mais acessível e relevante para o público. Por exemplo, serve para mostrar para as pessoas como as plantas são importantes na vida do dia a dia e por que as coleções de plantas merecem ser valorizadas.

A partir da revisão de literatura, compreende-se que interpretar é revelar significados, estimular a curiosidade, inspirar novas atitudes nos visitantes. Para isso, a interpretação pode se utilizar do teatro, poesia, fotografia, arquitetura ou ainda expressar suas mensagens utilizando meios de comunicação como placas,

painéis, mapas, guias, folders ou mesmo a elaboração de guias e condutores locais para atender os visitantes. Tilden (1957, p. 34, tradução nossa), lista seis princípios básicos que norteiam o esquema interpretativo:

1. qualquer interpretação que não tenha relação com o que está sendo exibido ou que não seja relacionada com a experiência do visitante será infrutífera;
2. informação não é interpretação. Interpretação é revelação baseada na informação. Mas são coisas completamente diferentes. Contudo, toda interpretação inclui informação;
3. interpretação é uma arte que combina diversas artes, se os materiais apresentados são científicos, históricos ou arquitetônicos. Qualquer arte, em algum grau, pode ser ensinada;
4. a chave da interpretação não é instruir, mas provocar;
5. a interpretação deve apresentar o todo e não apenas uma parte, assim como dirigir-se ao visitante como um todo;
6. a interpretação para crianças não deve ser um resumo do que é apresentado aos adultos, mas deve seguir sob uma abordagem diferente. Ou até mesmo definir um programa separado.

Inicialmente, o maior desafio encontrado para elaborar um plano interpretativo é criar uma maneira interessante de aplicá-lo no Jardim Botânico de Porto Alegre, ou seja, conseguir que as pessoas captem, armazenem e organizem as informações recebidas. Ham (1992) esclarece para que a interpretação ambiental aconteça, o processo deve ser ameno, pertinente, ordenado e temático. Logo, as mensagens devem ser de fácil compreensão, agradáveis de ouvir ou ler, além de atrair a atenção do visitante para que este as processe em sua mente, já que não está sendo obrigado a prestar atenção.

Para a eficiência do plano interpretativo, Morales (2008, p. 6), sugere a equação  $(CR + CD) \times TA = OI^1$  a ser aplicada na interpretação ambiental, cujos elementos têm o seguinte significado:

- CR: Conhecimento do recurso;
- CD: Conhecimento do destinatário;
- TA: Técnicas apropriadas;
- OI: Oportunidades para interpretar.

<sup>1</sup> Equação desenvolvida por Mike Watson, David Dahlen y David Larsen e implantada nos anos 1990 no National Park Service (Estados Unidos), quando se deu a reestruturação do planejamento de interpretação do parque.

Utiliza-se essa equação para avaliar a interpretação ambiental atualmente adotada pelo Jardim Botânico de Porto Alegre.

### **3 Jardim botânico de Porto Alegre e os meios interpretativos**

O Jardim Botânico de Porto Alegre apresenta atributos especiais que o caracterizam e o distinguem das demais classes de jardins. O jardim botânico é definido como uma modalidade de paisagem construída ou antrópica, com finalidade utilitária, lúdica ou cognitiva (MELLO FILHO, 1985).

O jardim botânico caracteriza-se como um tipo de jardim dotado de uma compilação de plantas organizadas obedecendo a critérios diversos, mas com uma finalidade científica. Logo, dificilmente pode-se desvincular o jardim botânico de atividade científica e cognitiva, cujo objetivo é conhecer a planta por ela própria, como um elemento extraído e isolado da realidade ambiental ou de sua posição na natureza (MELLO FILHO, 1985).

Nos dias atuais, o planejamento dos jardins botânicos oferece maior liberdade, respeitadas a visão paisagística e a adequação ecológica das suas respectivas plantas. O essencial é que o conjunto resultante configure uma aparência capaz de oferecer a seus visitantes emoções e prazeres do real valor intelectual e estético do espaço (MELLO FILHO, 1985).

O Jardim Botânico de Porto Alegre iniciou suas atividades em 1953, quando foi aprovada a Lei nº 2136, que destinava uma área de terra para criação de um Jardim Botânico naquela cidade. Nesse mesmo ano, o governador Ildo Meneghetti criou uma comissão para propor a concepção primária do parque. No ano de 1956, tal estudo foi apresentado, e o Irmão Teodoro Luis foi nomeado para dirigir os trabalhos de implantação. Então, em 10 de setembro de 1958, o Jardim Botânico foi aberto ao público.

Em 1962, foi inaugurada, pelo então governador Leonel Brizola, a primeira casa de vegetação destinada a abrigar a coleção de cactos. Nos anos 1970, o Jardim Botânico passou a ser administrado pela Fundação Zoobotânica junto com outras áreas de conservação do Estado. A partir de então, estabeleceu-se o foco do trabalho nas plantas nativas do Rio Grande do Sul. Com o incremento das expedições de coleta, houve a implantação de novas áreas com coleções contemplando famílias botânicas e formações vegetais do Estado. A partir de 1997, foram construídas

instalações para abrigar a sede administrativa, o Banco de Sementes e o setor de apoio e infraestrutura. Também foram construídas casas de vegetação para as coleções de cactos, orquídeas e bromélias. Em 2003, por meio da Lei nº 11.917, o Jardim Botânico foi considerado como Patrimônio Cultural do Estado do Rio Grande do Sul (FUNDAÇÃO ZOOBOTÂNICA DO RIO GRANDE DO SUL, 2012).

O Jardim Botânico de Porto Alegre recebe atualmente, em torno de mil visitantes por mês, de faixa etária predominante entre 21 e 40 anos. O espaço está aberto para visitação de terça-feira a domingo, das 8h às 17h. A visitação de escolas e grupos é marcada a partir das datas disponíveis na agenda de visitação.

Na pesquisa realizada nos meses de outubro e novembro de 2013, com o intuito de conhecer o perfil dos visitantes, Vargas e Hirschmann (2013), destacam alguns pontos importantes, como:

- Público total: 70.913 pessoas, sendo 17.403 estudantes e 1.896 professores. Recebeu 398 escolas, sendo 264 de Porto Alegre;
- Gênero: a distribuição é bem equilibrada com leve predomínio de mulheres (54%);
- Idade: predominam visitantes entre 21 e 40 anos;
- Escolaridade: a maioria dos visitantes concluiu ou está concluindo o nível superior (54%);
- Renda: 52% dos visitantes recebem até seis salários mínimos, e 24%, mais de dez salários;
- Procedência: a maioria dos visitantes é de porto-alegrenses (71%);
- Motivação: o principal motivo da visita é o lazer, seguido pela busca de contato com a natureza.

Logo, os resultados dessa pesquisa serão adotados como base para a elaboração do futuro projeto de remodelação da interpretação ambiental do Jardim Botânico de Porto Alegre. Percebe-se que a faixa etária com maior representação atualmente é de 21 a 40 anos, mas, para um projeto de Interpretação Ambiental de sucesso, devem-se considerar também as outras faixas etárias que frequentam o Jardim Botânico e facilitar a compreensão de todos.

O Jardim Botânico em estudo tem como o objetivo a conservação de espécies vegetais nativas do Rio Grande do Sul. Para cumprir esse objetivo,

desenvolvem-se atividades de pesquisa, conservação e educação ambiental para turmas escolares, principalmente. O Jardim Botânico organiza-se em coleções de plantas, conforme ocorrem em cada região do Estado. Cada planta está identificada, catalogada, e seu desenvolvimento e crescimento é acompanhado por um grupo técnico. Essa metodologia permite manter populações de plantas protegidas, evitando a sua extinção.

Quanto à área verde total, o Jardim Botânico tem 39 hectares, onde os visitantes podem percorrer várias trilhas do Alboreto (coleção de árvores), fazer piqueniques e apreciar a natureza, como seu lagos e canteiros de flores. Além disso, pode-se aprender sobre a flora nativa do Rio Grande do Sul, participar de atividades educativas e adquirir mudas de árvores gaúchas no viveiro de vendas.

Esse espaço de 39 hectares é subdividido em áreas, cada uma delas caracterizada por um tipo específico de planta, ou seja, pode-se ver um espaço somente com plantas encontradas em savanas ou uma área predominante de cactos. São três as áreas principais do parque, provenientes da flora do Rio Grande do Sul: Floresta de Araucária, Floresta do Alto Uruguai e Parque do Espinilho. Dentre outras atrações oferecidas aos visitantes, pode-se citar o Museu de Ciências Naturais e o Serpentiário. Quanto ao seu quadro de funcionários, são três pessoas no centro de visitantes, um bilheteiro e dois a três vigilantes.

Atualmente o Jardim Botânico oferece quatro formas de Interpretação Ambiental para os seus visitantes: os mapas, as placas indicativas, o guia do visitante e as trilhas guiadas. Os **mapas**<sup>2</sup> apresentam desenhos de todas as áreas do Jardim Botânico, identificando-as de forma lúdica, com desenhos estereotipados. O mapa organiza-se em serviços e infraestruturas que estão enumerados de 1 a 15 e identificam espaços como pátio de acesso, lancheria, anfiteatro, WC etc. (Figura 1). O mapa também apresenta uma sugestão de roteiro de visita, cujos locais estão organizados por letras, de A a R. Apresenta também as áreas de coleções de plantas a serem visitadas, por exemplo, Floresta do Alto Uruguai e Savana Estépica.

<sup>2</sup> FUNDAÇÃO ZOOBOTÂNICA DO RIO GRANDE DO SUL. Jardim Botânico de Porto Alegre. Mapa. 20---. Disponível em: <[http://www.jb.fzb.rs.gov.br/upload/20130513160516mapa\\_jb\\_folder.jpg](http://www.jb.fzb.rs.gov.br/upload/20130513160516mapa_jb_folder.jpg)>. Acesso em 15 ago. 2014.

Figura 1: Serviços e infraestrutura apresentados no mapa

### SERVIÇOS E ESTRUTURAS

1. Pórtico de Acesso
2. Centro de Atendimento aos Visitantes
3. Administração Fundação Zoobotânica do RS
4. Administração Jardim Botânico
5. Salas de Exposições do Museu de Ciências Naturais
6. Viveiro/Venda de Mudanças
7. Plantas Medicinais - Visitas com agendamento
8. Cactáceas do RS, estufas bromélias e cactos - Visitas com agendamento
9. Orquidário
10. Área de Uso Restrito
11. Lancheria
12. Acesso Ônibus
13. Estacionamento
14. Anfiteatro
15. WC

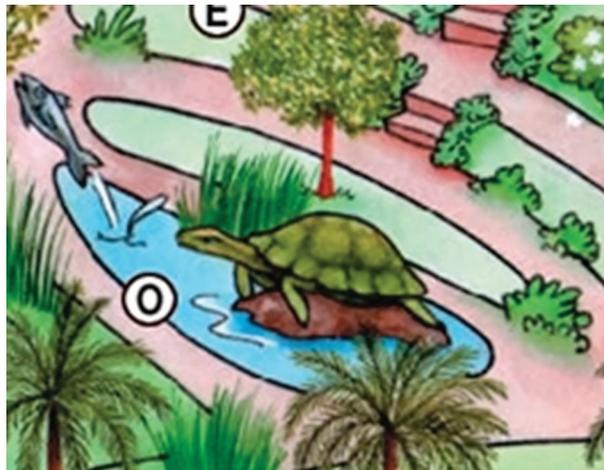
### SUGESTÃO DE ROTTEIRO

- A. Plantas Perfumadas
- B. Gimnospermas (pinheiros e ciprestes)
- C. Floresta de Araucária
- D. Floresta do Alto Uruguai
- E. Fabales (corticeiras e ingás)
- F. Lianas (trepadeiras e escandentes)
- G. Savana Estépica
- H. Bignoniaceas (Ipês)
- I. Erva-mate (árvore símbolo do RS)
- J. Brinco-de-princesa (flor símbolo do RS)
- K. Pau-Brasil (árvore símbolo do Brasil)
- L. Butiá (planta símbolo do Jardim Botânico de Porto Alegre)
- M. Ipê-amarelo (flor símbolo do Brasil)
- N. Lago da Ponte/Banhado
- O. Lago das Tartarugas
- P. Esqueleto Girafa
- Q. Coleção de Plantas Raras e Ameaçadas
- R. Palmeiras

Fonte: Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul

A localização de uma área é identificada dentro da Sugestão de Roteiro, a letra “O” representa o Lago das Tartarugas, conforme a figura 2:

Figura 2: Representação Gráfica do Mapa



Fonte: Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul

As **placas** descrevem as áreas, informando o nome da área e seu respectivo número, a família a que pertencem as plantas e seus respectivos exemplares. Exemplo: Área 8, Ordem Fabales, Ordem do Pau-Brasil, do Ingá e da Cabreúva, conforme Figura 3.

Figura 3: Placa das áreas



Fonte: Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul (2012).

A imagem representada na placa de identificação da área (Figura 3) é uma junção das folhas, flores, sementes e outras partes da planta que possam identificá-las. Na figura 4, a área 8 é composta pela Ordem Fabales. Somente no Guia de Visitantes, há informações detalhadas sobre cada área, nas placas, não há isso.

O **guia do visitante**<sup>3</sup> é distribuído no Centro de Visitantes e está disponível no site oficial do Jardim Botânico. Ele foi publicado no ano de 2008, contém 100 páginas e está na 2ª edição. No conteúdo do guia estão especificadas algumas informações importantes, tais como a organização das plantas segundo alguns critérios pré-determinados. O guia foi estruturado com a descrição das coleções, identificadas por meio de placas, assim facilitando sua localização no parque. Além das informações gerais, o guia apresenta fotos a fim de facilitar a identificação das coleções.

<sup>3</sup> FUNDAÇÃO ZOOBOTÂNICA DO RIO GRANDE DO SUL. Jardim Botânico de Porto Alegre. Guia do Jardim Botânico de Porto Alegre. 2. ed. Porto Alegre: [s.n.], 2008. (Publicações Avulsas FZB, n. 13)

Figura 4: Caracterização do guia do visitante

Coleções Taxonômicas

Área 02  
Familia MYRTACEAE  
Família das pitangueiras,  
goiabeiras e jaboticabeiras



No Rio Grande do Sul temos mais de 100 espécies nativas dessa família, que se caracteriza por apresentar folhas simples, opostas e com bordos lisos; troncos com casca descamante (sete-

capotes) ou lisos e manchados (cerejeira e goiabeira). Seus frutos são geralmente comestíveis (pitanga, goiaba, cerejado-mato, jaboticaba, guabiju, guabiroba, etc.). As primeiras mirtáceas foram plantadas no Jardim Botânico em 1975.

Sete-capotes

Nome científico: *Campomanesia guazumifolia* (Cambess.) O. Berg.



Árvore com até 15 metros de altura, recebeu seu nome popular devido às várias camadas de casca que se desprendem de seu tronco. As nervuras de suas folhas são bastante salientes na face inferior e possuem pequenos pêlos na face superior. Suas flores brancas aparecem entre outubro e dezembro e seus frutos de setembro a janeiro. Os frutos, com casca pilosa e levemente amarelados quando maduros, são bastante apreciados pela fauna. Esta espécie apresenta também usos na medicina popular. Ocorre desde o Mato Grosso do Sul, Minas Gerais e Rio de Janeiro, até as Florestas Subtropicais do Rio Grande do Sul (Estacional Decidual e Estacional Semidecidual).

Fonte: Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul (2008).

As **trilhas guiadas** são visitas agendadas por meio de contato telefônico. Nessas trilhas o objetivo é informar acerca das áreas que o Jardim Botânico possui, assim como as características de cada coleção de plantas. Os guias são monitores estagiários do Jardim Botânico. São atendidos dois grupos por dia, sendo um pela manhã e outro à tarde. A trilha dura aproximadamente uma hora e meia. Atualmente não se tem feito formação para professores. Para a visitação de escolas, são estabelecidos alguns critérios como: visitas orientadas ocorrem somente de terça a sexta-feira, para grupos com até 30 alunos da mesma série ou faixa etária.

#### 4 Metodologia

Descreve-se aqui a metodologia da pesquisa definida para esse artigo. Toma-se como referência a pesquisa qualitativa fundamentada na revisão bibliográfica e na observação da equipe.

Para a melhor compreensão da pesquisa qualitativa, Maanen (1979, p. 520) considera que:

[...] a expressão “pesquisa qualitativa” assume diferentes significados no campo das ciências sociais. Compreende um conjunto de diferentes técnicas interpretativas que visam a descrever e a decodificar os componentes de um sistema complexo de significados. Tem por objetivo traduzir e expressar o sentido dos fenômenos do mundo social; trata-se de reduzir a distância entre indicador e indicado, entre teoria e dados, entre contexto e ação.

A pesquisa bibliográfica, segundo Marconi e Lakatos (2008, p. 57),

[...] abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico etc., até meios de comunicação orais: rádio, gravações em fita magnética e audiovisuais: filmes e televisão. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto, inclusive conferências seguidas de debates que tenham sido transcritos por alguma forma, quer publicadas quer gravadas.

Como parte da metodologia aplicada para a pesquisa referente à Interpretação Ambiental do Jardim Botânico de Porto Alegre, tem-se também a observação em equipe, que, de acordo com Marconi e Lakatos (2008, p. 79), “é a mais aconselhável do que a individual, pois o grupo pode observar a ocorrência por vários ângulos.” Em decorrência disso, conforme Ander-Egg (1978, p. 100), essa pode ser realizada de diferentes formas:

- a. todos observam o mesmo, com o que se procura corrigir as distorções que podem advir de cada investigador em particular;
- b. cada um observa um aspecto diferente;
- c. a equipe recorre à observação, mas alguns membros empregam outros procedimentos;
- d. constitui-se uma rede de observadores, distribuídos em uma cidade, região ou país; trata-se da técnica denominada de observação maciça ou observação em massa.

Essas duas metodologias de pesquisa, aliadas à equação de Morales (2008, p. 6),

descrita na revisão bibliográfica, tornam possível avaliar a eficácia dos meios interpretativos adotados pelo Jardim Botânico e posteriormente propor novos meios, a fim de gerar conhecimento a quem visita essa unidade de conservação.

## 5 Análise e discussão de resultados

A partir da metodologia adotada, parte-se para análise dos meios interpretativos avaliando se os equipamentos atualmente existentes atingem o objetivo principal da Interpretação Ambiental. Em abril de 2014, realizou-se a primeira visita *in loco* ao Jardim Botânico de Porto Alegre acompanhada pelo agrônomo Fernando Vargas, funcionário do local em estudo. Essa visita teve por objetivo conhecer o Jardim Botânico e seus meios interpretativos. Durante a visita, observou-se que o Jardim Botânico precisa, realmente, de uma nova sinalização para seus espaços e de outras melhorias, pois, ouvindo as explicações, os espaços foram bem compreendidos, porém, numa visita sem acompanhamento especializado haveria grande dificuldade de compreender os objetivos do Jardim Botânico e suas coleções.

A seguir, apresenta-se o resultado da análise realizada e se apontam deficiências que podem dificultar que os objetivos da Interpretação Ambiental sejam atingidos de forma plena:

Acesso do visitante ao guia e mapa do local: acredita-se que o mapa do Jardim Botânico e seu Guia destinado a visitantes devem ser entregues logo na entrada, pois até o visitante chegar ao Centro de Visitantes, ele já deixou de observar várias áreas alocadas logo no começo do Jardim Botânico. Sugere-se também que o Centro de Visitante deva ser localizado na entrada do Jardim Botânico, facilitando assim a acessibilidade dos seus visitantes.

Placas das áreas: as placas das áreas utilizam linguagem técnica. Compreende-se a intenção de criá-las a partir de um conceito artístico, porém elas são muito confusas para quem as olha em um primeiro momento e não apresentam informações mais aprofundadas sobre botânica. Facilitaria a compreensão se fossem criadas placas com fotos menos conceituais e mais objetivas, ou seja: inserir informações escritas sobre cada planta e imagens das mesmas para assim gerar um melhor entendimento.

Mapa: por ser um material de caráter lúdico por meio de representações desenhadas dos espaços, ele facilita a comunicação com as crianças que visitam o Jardim

Botânico, pois, pela perspectiva delas, os desenhos facilitam o entendimento. No entanto, em alguns locais as áreas são apresentadas por números e, em outros locais, por letras, gerando confusão. Sugere-se padronizar as informações contidas nas placas das áreas com as do mapa. Por exemplo, a placa da Área 17 – Estepe-Parque (Parque do Espinilho) está representada no mapa com a letra G, e especificada como Savana Estépica. Logo, não há um alinhamento das informações.

As observações feitas servirão de base para a elaboração de um novo plano interpretativo, com base no público que frequenta o local, nos meios interpretativos utilizados que não despertam interesse num público não cativo e, assim, não estabelecem um elo de comunicação entre visitante e Jardim Botânico.

## **6 Considerações finais**

Tomando como referência Honig (2005), que afirma que a Interpretação Ambiental deve ser espontânea e desinteressada, entende-se que o Jardim Botânico de Porto Alegre necessita de uma remodelação dos meios interpretativos a fim de gerar conhecimento para seus visitantes. Assim, a partir dessa remodelação, eles poderão compreender a unidade de conservação como um local que guarda raridades botânicas provenientes de sua região de origem, assim preservando a identidade da flora local.

Considerando-se os resultados da análise feita à Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul, que administra o Jardim Botânico de Porto Alegre, sugere-se a remodelação do equipamento interpretativo existente para que o visitante compreenda o seu objetivo e não o veja apenas como lugar com extensa área verde que remete à paz e tranquilidade. Jardins botânicos são espaços educativos que transmitem informações sobre coleções de plantas e seu manejo e possuem valor para o patrimônio ambiental da cidade e do Estado em que estão alocados. Cabe realizar um planejamento que ordene esse conhecimento para que se possa transmitir de forma interativa, espontânea e eficaz aos seus visitantes e assim estimulá-los para aprendizagem.

Por fim, cabe salientar que, para que a Interpretação Ambiental seja bem sucedida, as informações disponibilizadas devem envolver e instigar o visitante e motivá-lo a participar ativamente de seu próprio aprendizado, propiciando uma relação de harmonia e preservação no espaço visitado.

## Referências

ANDER-EGG, Ezequiel. *Introducción a las Técnicas de Investigación Social: paratrabajadores sociales*. 7. ed. Buenos Aires: Humanitas, 1978.

FUNDAÇÃO ZOOBOTÂNICA DO RIO GRANDE DO SUL. Jardim Botânico de Porto Alegre. *Guia do Jardim Botânico de Porto Alegre*. 2. ed. Porto Alegre: [s.n.], 2008. (Publicações Avulsas FZB, n. 13)

FUNDAÇÃO ZOOBOTÂNICA DO RIO GRANDE DO SUL. Jardim Botânico de Porto Alegre. *Histórico*. 2012. Disponível em: <<http://www.jb.fzb.rs.gov.br/conteudo/1265/?Hist%C3%B3rico>>. Acesso em 15 ago. 2014.

FUNDAÇÃO ZOOBOTÂNICA DO RIO GRANDE DO SUL. Jardim Botânico de Porto Alegre. *Mapa*. 2014. Disponível em: <[http://www.jb.fzb.rs.gov.br/upload/20130513160516mapa\\_jb\\_folder.jpg](http://www.jb.fzb.rs.gov.br/upload/20130513160516mapa_jb_folder.jpg)>. Acesso em 15 ago. 2014.

HAM, Sam H. *Interpretacion Ambiental: una guia práctica para gente com grandes ideas y presupuestos pequeños*. Golden: North American Press, 1992.

HONIG, Maryke. *Como dar vida ao seu jardim: interpretação ambiental em jardins botânicos*. Rio de Janeiro: RJB, 2005.

MAANEN, John Van. Reclaiming qualitative methods for organizational research: a preface. *Administrative Science Quarterly*, v. 24, n. 4, p. 520-526, dec. 1979.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas. Amostras e técnicas de pesquisa. Elaboração, análise e interpretação de dados*. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MELLO FILHO, Luiz Emydio. A função dos jardins botânicos nos dias atuais. *Rodriguesia: Revista do Jardim Botânico do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, v. 37, n. 63, p. 73-76, jul./dez. 1985. Disponível em: <<http://rodriguesia.jbrj.gov.br/FASCICULOS/Rodrig37-n63-1985/9%20-%20Jardins%20atuais.pdf>>. Acesso em: 13 jun. 2014.

MORALES, Jorge. 2008. La interpretación del patrimonio tiene que ver con significados. Disponível em: <<http://interpretacionpatrimonio.blogspot.com>>. Acesso em: 20 fev. 2015.

MURTA, Stela M.; ALBANO, Celina. Interpretação, preservação e turismo: uma introdução. In: MURTA, Stela M.; ALBANO, Celina (Org.). *Interpretar o patrimônio: um exercício do olhar*. Belo Horizonte: UFMG, 2005. p. 9-12.

TILDEN, Freeman. *Interpreting our heritage*. Chapel Hill: University of North Carolina. Press, 1957.

VARGAS, José Fernando da Rosa; HIRSCHMANN, Daniela Rohan. 2013. 12 f. *Avaliação de Visitas Educativas ao Jardim Botânico de Porto Alegre: o olhar do professor visitante*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Agronomia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Faculdade de Agronomia, Porto Alegre, 2013.